

## XXIII Encontro Anual da ANPOCS

### Destinos migrantes

#### Representações do espaço, histórias de vida e narrativas

#### GT: Biografia e memória social

#### 3ª. Sessão: Narrativas, identidades e demarcações do espaço social

Julie A. Cavnac

Antropóloga, Profa. Adjunta DCS/MCS – UFRN

CIRS – Natal / GRAL - Toulouse

Apresentarei os resultados de uma pesquisa que venho desenvolvendo desde 1995, na UFRN, sobre a Memória e as produções narrativas dos migrantes, oriundos do interior do Estado e morando na Zona Norte de Natal. Antes da análise das histórias contadas pelos migrantes, foi preciso investigar a formação sócio-econômica da Zona Norte e estudar os fenômenos migratórios existentes na região. Como há poucos dados quantitativos sobre o assunto e também pelo fato de que não existem estudos específicos – trata-se de um fenômeno recente e de novas formas migratórias -, foi preciso partir para uma pesquisa de campo; isto é realizar um estudo etnográfico, coletar histórias de vida e reconstruir a “história” da Zona Norte a partir das experiências vividas pelos entrevistados.<sup>1</sup> Por isso, falarei rapidamente da Zona Norte, antes de abordar a relação dos textos junto à migração e explicar as modificações ocorridas no *corpus* narrativo.

São múltiplas as referências às ‘histórias de antigamente’: romances e folhetos de cordel, estórias de trancoso, contos, lendas de fundação de cidades, etc. Além de serem marcos da memória individual (monumentos escritos ou orais ligados à infância e à um passado idealizado), eles servem de âncora para a história do grupo local. Graças à

---

<sup>1</sup> Cf. relatório final de pesquisa “Memórias de migrantes”, CNPq/UFRN, 1997.

rememoração e à leitura das narrativas, os indivíduos reativam experiências e valores comuns que são os de uma cultura rural, geralmente denegrida pelo resto da sociedade. Assim, os folhetos de cordel, os romances e os contos são uma via de aprendizagem de uma realidade, onde os problemas sociais, políticos e econômicos são traduzidos em uma linguagem poética e formatados em uma estrutura narrativa conhecida por todos (Cavignac 1997). Hoje em dia, esses textos tradicionais parecem ter sobretudo uma função identitária : os textos não fazem quase parte da prática cotidiana, tendo desaparecido o contexto de enunciação. O ‘interior’ não é mais a referência, passando a ser a Zona Norte o lugar de vida. Porém, com as mudanças ocorridas nessas últimas décadas, novos textos aparecem. Eles são ligados à uma experiência migratória geralmente positiva e correspondem à uma apropriação do espaço e da história do local.

### **O “outo lado do rio”**

Se o Brasil urbano foi pouco estudado, as cidades do nordeste foram quase totalmente esquecidas pelos antropólogos (Magnani 1998). Raros são os estudos antropológicos recentes que tratam da migração nordestina: o trabalho de E. Durham, mesmo tratando de uma realidade diferente, fica sendo a referência principal, ao qual se agregam outras pesquisas sobre a presença dos nordestinos em São Paulo ou sobre as novas formas de migração (Magnani 1998, Menezes 1992, Morice 1993, Rigamonte 1998). Porém, é de se notar o crescimento rápido da região nesses últimos anos, por um urbanização acelerada. Já em 1991, quase 70% da população total do estado do Rio Grande do Norte era urbana. Em 1996, quase a metade da população se localizava no litoral (44, 16 %), tendo as principais cidades (Natal e Mossoró) como pólos atrativos e que não pararam de crescer (IDEC 1996). Em vinte anos, a população de Natal dobrou, passando de 264 379 em 1970 a 656 037 em 1996 (IDEC 1996). Foi nos anos 70 que o processo de crescimento urbano foi iniciado, momento em que o sudeste do país conhece um início de recessão e começa a rejeitar os seus imigrantes. Nesse período, em Natal, e sobretudo, na Zona Norte, foi iniciada a construção de conjuntos habitacionais patrocinada pelos governos estadual e federal.

Localizando-se na margem esquerda do rio Potengi, vizinha ao município de São Gonçalo do Amarante, a chamada "Zona Norte" conhece, desde os anos 60-70, uma mudança radical: a vila de Igapó, continuando ter suas características arquiteturais de uma cidade do interior, viu crescer a cidade ao seu redor. Conjuntos habitacionais (Pajuçara, Igapó, Nova Natal, Panatis, etc.) foram construídos para atender às necessidades de moradia de uma população recém urbanizada ou de origem rural, pertencente às camadas de população de baixa renda. Mesmo se não existem dados estatísticos sobre a origem populacional da Zona Norte, parece ter uma grande parte dos moradores oriundos do litoral norte e das regiões das salinas bem como “migrantes de retorno”, geralmente tendo efetuado uma migração para o sul. Apesar dos esforços de revitalização, poucas indústrias estão funcionando na área que se firmou desde os anos oitenta como uma zona habitacional e de comércios, de implantação recente. A construção de conjuntos habitacionais mudou profundamente a paisagem do local. O primeiro conjunto construído, foi o conjunto Amarante, durante o governo de Mons. Walfredo Gurgel (1964/1970). Nessa época, foi desativada a ponte da estrada de ferro, que ligava Natal à Zona Norte e nos anos noventa, devido ao trânsito, as vias de acesso foram dobradas. Em 1987 viviam aproximadamente 60.000 moradores, hoje o número de moradores passa dos 200.000 habitantes, sendo mais de 30% da população total da capital potiguar morando na Zona Norte (Andrade 1987: 34)

<sup>2</sup>. Apesar do crescimento populacional, a infra-estrutura ainda é precária (saneamento básico, transporte, saúde, segurança, serviços, educação, etc.). A igreja teve um papel importante na implantação de creches, escolas e associações de moradores. Sem dados sérios sobre a origem geográfica e a fonte de renda das famílias, podemos observar que a maior parte dos migrantes ocupam os empregos menos qualificados: muitos homens trabalham no setor da construção civil ou dos transportes, e as mulheres trabalham como empregadas domésticas (Agier 1995 : 82 ; Clementino, 1995 : 317; Morice 1993). São empregadas domésticas ou diaristas sem carteira assinada, costureiras, manicures, artesões e vendedores ambulantes sem registro, empresas de fundo de quintal, etc.) e geralmente são migrantes. Hoje, a Zona Norte é a melhor opção - do ponto de vista financeiro - para se morar em Natal. A população não conhece uma grande mobilidade, já que passando a

---

<sup>2</sup> Total dos habitantes da Zona Norte em 1990 : 146.854 , em 1996, 206115 - Fonte IBGE. Mais “moradores residindo em domicílios coletivos e improvisados” não foram contabilizados.

adquirir o seu imóvel, o migrante passa do estatuto de “estrangeiro” ao de morador de conjunto habitacional.

Porém, esses antigos camponeses não viraram moradores da cidade de uma hora para outra; a Zona Norte tem como característica principal ter ocupado um espaço que antes fora estritamente rural e que, até hoje, subsiste parcialmente, misturando uma paisagem urbana com resíduos do campo. A proximidade geográfica explica também as intensas relações existentes entre a Zona Norte e as zonas rurais contíguas (São Gonçalo do Amarante, Macaíba, Extremoz) ou com as cidades litorâneas mais próximas, se estendendo às vezes até elas (Redinha e Genipabu). Os moradores dos numerosos conjuntos populares podem, ainda, exercer atividades agrícolas perto de suas residências - como por exemplo, cultivar um roçado ou criar animais - ou mesmo longe de suas moradas, indo trabalhar no campo durante a semana.<sup>3</sup> Assim, uma grande parte da população, mesmo sem exercer uma atividade econômica na zona rural volta durante os períodos festivos e as eleições.

### **Destinos Migrantes**

Graças à pesquisa etnográfica e à coleta de um *corpus* essencialmente narrativo, a realidade cotidiana dessa população recém urbanizada foi, em parte, analisada. Os textos coletados - 'performados' ou escritos - foram selecionados de acordo com o tema da pesquisa e confrontados aos seus contextos de enunciação ou de produção específicos. Assim, se pode entender os textos depois da comparação com as outras criações culturais, como as várias formas de poesia, as rezas, as práticas medicinais, a percepção do espaço, as festas de padroeiro, as romarias, etc. Mesmo pertencendo a outros níveis da cultura, essas criações simbólicas adotam quase sempre a forma de narrativas, cujas estruturas já são conhecidas. Parece então interessante usar um mesmo método para analisar as produções culturais de uma sociedade.<sup>4</sup>

Porém, os migrantes não chegam a formar um grupo e portanto não se trata de uma totalidade homogênea. Eles nem tanto chegam a representar uma “comunidade”, mesmo se

---

<sup>3</sup> Alain Morice (1993:356) que estuda os migrantes trabalhando na construção civil em Santa Rita, cidade vizinha à João Pessoa, também nota a existência da categoria “trabalhador agrícola-pedreiro”.

<sup>4</sup> Cf. o relatório da pesquisa financiada pelo CNPq realizada entre 1994 e 1996.

moram numa área bastante delimitada, nem uma classe, mesmo se geralmente pertencem às camadas sociais menos favorecidas; eles fazem parte da população natalense, dividindo características comuns, o de ter migrado pelo menos uma vez na vida e o de morar na mesma zona periférica de Natal. São indivíduos que conheceram trajetórias de vida e experiências migratórias diversas. Os problemas ligados à vida periférica e à existência em uma sociedade contemporânea podem ser resumidos em várias características, retomando as palavras de Ana Maria Doimo (1995: 91):

*“O desenraizamento das massas e a atomização da existência, a complexa divisão do trabalho e a fragmentação dos papéis sociais, o apego a práticas seculares e o desencantamento do mundo, a monetarização das relações e a perda do sentimento de solidariedade, o avanço da racionalidade das instituições e o desapego às relações de tipo primário, especificamente as referidas à família e à religião.”*

O migrante, então, aparece como um excluído social (Durham 1982: 220), e politicamente falando, tenta reproduzir no espaço urbano (como alternativa integradora) alguns dos padrões culturais que caracterizam a comunidade de meio rural. A relação indivíduo/sociedade é feita, então, através dos grupos de relações primárias (família, vizinhança, congregação religiosa). Aparecem como tentativas de reconstrução da sociabilidade antiga. Porém, na Zona Norte, a reunião entre vizinhos e família próxima é dificultada pela estrutura urbana dos conjuntos habitacionais. A vizinhança, às vezes é vista como perigosa, no caso dos moradores dos conjuntos vizinhos às favelas. Por outro lado, a diversidade das práticas religiosas, com a importância crescente das seitas protestantes nos bairros pobres da cidade, pode ser uma forma de demarcação sócio-econômica.

Um trabalho sobre a memória dos migrantes é então dificultado pela desintegração do grupo familiar, da comunidade de origem, e até pela mudança acontecida na identidade pessoal do locutor. Mas, por outro lado, a memória e a narração subjetiva dos fatos permitem resgatar a versão da migração, no olhar do falante. Assim, Maurice Halbwachs (1990) determina que a memória não é uma simples reprodução dos fatos e dos acontecimentos, mas aparece como um produto de uma elaboração singular de um indivíduo sobre a sua própria experiência. A pessoa repensa e reelabora o passado com a visão presente. Os marcos da memória são então os eventos importantes na vida de uma pessoa: casamento, nascimento dos filhos, mudança de local de moradia, do trabalho, morte

de uma pessoa, etc. Fixamos, então, nossa atenção em histórias de vida peculiares, para depois poder tirar algumas conclusões sobre as possíveis transformações de uma cultura tradicional, como a das zonas rurais do Rio Grande do Norte. Para isso, temos usado a metodologia das histórias de vida desenvolvida nos trabalhos recentes de pesquisadores investigando a realidade brasileira (especificamente nordestina) e a das migrações (Menezes 1992, Cabanes 1995, Sigaud 1993, Ajara 1993). Parece que o método biográfico é o mais indicado para um estudo sobre os migrantes. Assim M. Menezes (1992: 165) avança que

*“As histórias de vida revelam universos diversos e constituem, a nosso ver, um material rico para analisar como esta diversidade é elaborada por seus produtores.”*

Então, o migrante pode avaliar a sua trajetória de vida e nós podemos resgatar fatos, percepções, avaliações, perspectivas de vida, visões do mundo e opções do migrante (Menezes 1992: 167). Na verdade, é difícil estabelecer uma regra para as migrações; estas são muito variáveis. Porém, é possível afirmar que pelo menos há dois fatores importantes que determinam uma pessoa a migrar: a possibilidade de trabalho e a existência de um parente morando no local. Assim, na pesquisa, das pessoas entrevistadas, somente dois homens efetuaram uma ou mais migrações sem ser acompanhados de um parente ou sem ter família no lugar de migração.<sup>5</sup>

É preciso, então, realizar uma pesquisa etnográfica para descobrir o universo de referência dos migrantes bem como as possíveis estratégias dos candidatos à partida. No entanto, parece difícil encontrar uma regra para as migrações e os locais de destino. Temos que analisar as histórias de vida detalhadamente para dar conta da multiplicidade dos perfis dos migrantes. A imagem caricatural do pau-de-arara chegando em São Paulo se desmancha, frente à multitude dos percursos individuais que foram levantados durante a pesquisa. Porém, atrás desta multiplicidade de percursos, podem ser encontradas algumas regularidades temáticas (a família, o trabalho, a moradia) tanto que esses relatos de vida podem ser lidos como “estórias”, tendo uma organização narrativa e temática semelhante.

---

<sup>5</sup> Na pesquisa, realizada entre 1994 e 1996, 25 pessoas foram entrevistadas (a grande maioria das pessoas moram em conjuntos habitacionais), tentando coletar o testemunho de vários membros de um grupo familiar, junto com a memória dos folhetos de cordel, narrativas orais, apontamentos sobre a história da Zona Norte, etc.

O que aparece comum à maior parte das histórias de vida é que, durante a migração, o grupo não se desagrega; às vezes, mesmo a sociabilidade fundada no modelo tradicional da família extensa, se aplica a outros tipos de relacionamentos. <sup>6</sup> Na realidade, constatam-se uma forte solidariedade e a existência de obrigações recíprocas entre os membros do grupo. Pode se materializar pela hospedagem de um parente (ou um dos seus amigos) por um período variável e nem sempre especificado. Este elo permite também conceder uma ajuda moral ou afetiva, no caso de um evento importante na família (nascimento, doença grave, morte, divórcio, etc.). Pode tratar-se também de uma ajuda material - neste caso os parentes próximos (os pais e os irmãos) são solicitados e dificilmente podem negar. Muitas vezes e apesar da distância geográfica, as relações continuam intactas entre os que ficam e os que vão embora. Isto é visível nas histórias de vida que evidenciam que no processo de migração existe uma lógica fundada na solidariedade familiar (Cabanes, 1995; Menezes 1992; Sarti 1995). Se os principais motivos da migração são econômicos e familiares, no caso das pequenas migrações (intraestaduais), elas são também motivadas pela procura de assistência, no caso de seca, ou de serviço (saúde, educação, administração, etc.).

Da mesma forma, os migrantes conhecem geralmente uma urbanização progressiva, se deslocando da zona rural para a zona urbana, de uma pequena cidade do interior ou do litoral para Natal e fizeram várias pequenas migrações; essas podem ser combinadas com uma grande, longe do nordeste (geralmente para o Sudeste e a Amazônia). Na sua grande maioria, não são migrações totalmente satisfatórias porque as pessoas voltaram depois de um tempo longo ou curto (podendo variar de alguns meses a mais de dez anos).

Três momentos podem ser destacados nas histórias de migração. Primeiro há uma referência à um problema obrigando a pessoa (ainda jovem) a “cuidar do seu destino” e/ou a tomar a responsabilidade da família (morte dos pais, separação, problemas financeiros, etc.). Forças maiores são também evocadas - por exemplo, a seca - como sendo a origem da desgraça e da partida. No caso dos homens, o primeiro emprego é geralmente conseguido com a ajuda dos parentes e se situa no ramo do trabalho informal (Agier 1995: 97). Como

---

<sup>6</sup> Incluindo os parentes próximos ou mais distantes, a sociabilidade estende-se aos antigos vizinhos, aos amigos ou às pessoas com quem estabeleceu uma ligação qualquer (compadre, patrão, colega, etc.).

nas narrativas<sup>7</sup>, existe quase sempre uma romantização do tema da partida e do exílio nas histórias de vida. E o desejo de “subir na vida” e/ou uma libertação da tutela do pai escondem as razões econômicas da migração. Numa segunda fase, há uma construção da própria família com a evocação das dificuldades ligadas ao trabalho, à criação dos filhos e à vida longe do local do nascimento. Podem ocorrer várias migrações e há uma grande mobilidade residencial. A dificuldade em se adaptar à uma nova realidade, em poder suportar uma vida tão difícil é compensada pela solidariedade do grupo doméstico. Em vez de se desagregar, a família ganha uma nova força e o sentimento de identificação ao grupo vai ser maior. Nesta fase há uma profissionalização, para os homens e/ou uma centralização do universo da mulher na família. Em uma terceira fase, a família passa a morar na Zona Norte e/ou volta para o Rio Grande do Norte e em seguida vai morar em uma “casa própria” ou “de conjunto”, adquirindo o seu próprio imóvel. Geralmente, então, observa-se uma instalação definitiva ou uma estadia prolongada na Zona Norte. A migração, nos relatos dos interlocutores que moraram fora do Estado, é sempre apresentada como temporária - mesmo se, de fato, não voltarem morar no seu local de nascimento.

A ligação com o lugar de origem existe e passa pela solidariedade da família, dos vizinhos e dos compadres, mas também pela referência à uma história e à uma cultura comum. Quando são pessoas que não se integraram ao novo contexto urbano e à vida nos conjuntos habitacionais, este lugar é sempre lembrado com saudade. Parece que o sentimento de identificação com o grupo de origem desaparece, quando se tratam de filhos dos migrantes ou no caso de migrações satisfatórias. Acontece então uma identificação com o novo local de vida e uma reapropriação do espaço através da negação das suas raízes: eles não são mais migrantes, mas sim moradores da Zona Norte. Com a negação da origem, nota-se pouca referência ao corpus narrativo tradicional. Os romances de cordel e as histórias de trancoso deixam o lugar para outras narrativas e novas poesias, que correspondem melhor ao novo quadro geográfico, social e econômico no qual o indivíduo passa a morar. Veremos, a seguir, como os novos moradores “bricolam” suas referências culturais, recontando histórias, lembrando e criando fatos e casos, adaptando as narrativas tradicionais a um novo modo de vida.

---

<sup>7</sup> Muitos romances de cordel e as histórias de trancoso apresentam o motivo narrativo do exílio inserido numa aventura romanesca que, geralmente, tem um final feliz. Cf. Cavignac 1996.



## As Histórias da Zona Norte

Coletamos principalmente dois tipos de textos que podemos considerar como criações originais e que dizem respeito à construção de uma nova identidade local. De um lado, encontram-se descrições do passado de Igapó, misturadas às histórias de vida; quando a Zona Norte não existia ainda e o vilarejo tinha todas as características de uma cidade do interior. De um outro lado, temos uma explicação de porque Igapó não se desenvolveu e não conseguiu se beneficiar do progresso que existe hoje na Zona Norte. Nos dois tipos de textos, temos exemplos da intromissão do imaginário junto ao real, passado e presente. <sup>8</sup>

### Igapó e o início da Zona Norte

É interessante voltar aos textos originais para entender a visão do passado e também da Zona Norte. Assim, Seu Xixi <sup>9</sup>, designado pela comunidade como o detentor da memória de Igapó, apresenta a história da Zona Norte nos seguintes termos :

“Igapó era a tribo, quando os holandeses vieram eles já tinham desaparecido. Só Felipe Camarão expulsou com a esposa Clara e Henrique Dimas e outros também. Ele (Felipe Camarão) já estava manso e recebeu dois títulos por que nasceu aqui em Igapó só não tem quem diga onde ele morava. Eu sei que ele era o chefe dos potiguaras, a tribo do Rio Grande do Norte, eles moravam à beira do Rio Potengi. Depois ele foi agraciado com o título de Dom Antônio Felipe Camarão pelo rei da Espanha D. Henrique. O Brasil primeiro foi colônia da Espanha durante sessenta anos quem descobriu o Brasil foi Portugal ... ele era mandado pela Espanha e o rei deu o título a sua mulher também Clara Camarão. Quando D. Pedro voltou da guerra vencedor, separou tudo da Espanha, aí o Brasil

---

<sup>8</sup> Coletamos poesias criadas pelos entrevistados, sem que eles sejam poetas profissionais, com uma exceção: o poeta-violeiro Raimundo Galdino.

<sup>9</sup> Seu Xixi nasceu em Estivas (perto de Extremoz) em 1925; cinco anos depois a sua família foi morar em Extremoz. O seu pai morreu quando tinha oito anos e, a partir daí, começou a trabalhar “na enxada e de barro”. Ele não foi para escola - mas sabe ler e escrever - porque teve que sustentar toda a família (eram sete filhos) e tem orgulho de dizer que nenhum deles morreram. Em 1936 foi morar em Touros, onde trabalhava na prefeitura e morava seu avô (do lado materno). Chegou na Zona Norte em 1950, onde tinha um irmão morando, com trinta e três anos e casou com uma moça de Igapó - teve nove filhos. Ele começou trabalhando como servente da prefeitura, mas em 1954, foi trabalhar em Belém do Pará, em uma granja, com um outro irmão. Um ano depois voltou, e começou de novo a trabalhar na prefeitura. Em 1962, Seu Xixi torna-se sócio do Círculo de Trabalhadores Cristãos de Igapó e em 1968 é eleito presidente deste mesmo Círculo, que tem como principal objetivo a assistência dos seus sócios. O primeiro Círculo Operário de trabalhadores Cristãos atendia nas Quintas até a Redinha. Foi fundado pelo Padre Augusto Bretão em 19/10/56. Prestava assistência médica e odontológica através de estagiários. Sua segunda sede foi na Escola Potiguaçu (Governo de Silvío Pedrosa). Hoje Seu Xixi é uma figura de renome na praça de Igapó: homem público, detentor da memória do local, pensou mesmo se candidatar a vereador.

passou a ser sob as Leis de Portugal quarenta anos, o Brasil foi colônia durante cem anos até a independência. (...) Eu tinha essa história todinha, quem fez foi Dona Fefita e não me lembro bem, tá tudo no caderno, uns documentos com tudo das terras. Mas o nome dela era Maria Bezerra Cavalcante era dona das terras todinha ela doou para a Igreja, mas a Igreja não tem nada porque se apossaram de tudo. Pois bem, D. Maria da Cruz ela foi a primeira professora ela dava caderno, livro e dava até merenda se trabalhar na prefeitura.”

É importante sublinhar que há uma espécie de concatenação dos episódios históricos, “esmagando” quatro séculos em alguns anos. A impressão que temos, depois da leitura desta história, revisitada por Seu Xixi, é que as “fundadoras” de Igapó - Dona Cruizinha<sup>10</sup> e Dona Fefita - que são também as historiadoras, viveram na época dos índios potiguaras e sob a ocupação holandesa. Da mesma forma, a ligação que o nosso contador da história local faz com a da colonização do Brasil, coloca Igapó num primeiro plano na fundação de Natal, e talvez na descoberta do Brasil! Assim, Seu Xixi cita as fontes da história oficial, mesmo com algumas imprecisões em relação à presença dos índios potiguaras e às datas, e lembra a atuação relativamente recente das grandes figuras de Igapó - os “donos das terras”. Vemos então, através desta versão pessoal do passado de Igapó, que a história precisa ser retrabalhada e atualizada, com nomes e lugares familiares, para poder ser aceita como “a versão” legítima da história de Igapó.

Em uma outra entrevista Seu Xixi sublinha :

“A tribo era aqui em Igapó, os holandeses ficaram na Cidade Alta (no Forte) e moravam em Extremoz e fizeram uma Igreja que tinha um túnel (que vinha de Extremoz até o Forte e havia uma fortuna)”.

Essa versão foi encontrada várias vezes ao longo da pesquisa, com algumas variantes de nacionalidade dos colonizadores (franceses, ingleses, americanos). Os holandeses, ou outros estrangeiros, parecem tomar o papel dos Portugueses na colonização do espaço; foram eles que descobriram, exploraram e levaram as riquezas para fora do Brasil. De uma forma ímpar, mas dentro de uma mesma lógica, os “estrangeiros” e particularmente os holandeses aparecem como os personagens que deixaram os marcos históricos no Nordeste (Mello 1986: 29-30). O Forte dos Reis Magos, uma igreja em Extremoz, de onde tirava-se toda a riqueza da região (ouro), capelas, minas, cadeias e outros monumentos históricos contendo construções subterâneas, remetem à existência de

---

<sup>10</sup> Dona Cruizinha morava em Igapó nos anos 50.

mundos sobrenaturais, adormecidos, povoados de seres misteriosos, de animais e de espíritos, bem como permitem descrever uma representação do passado bastante original.<sup>11</sup>

A referência às aparições misteriosas ou demoníacas é freqüente nas histórias de cordel ou na tradição oral, geralmente consideradas como ficções.<sup>12</sup> Nelas, encontram-se uma descrição fiel dos seres sobrenaturais (as almas) e, sobretudo, dos chamados Reinos Encantados. Os lugares não habitados, não cultivados e situados no “mato” ou nas montanhas são carregados de mistérios e de aparições: animais, monstros que defendem uma bela princesa, presa nas entranhas da terra ou numa lagoa. Esses seres sobrenaturais vem juntar-se aos outros monstros, diabos e espíritos que moram no universo das forças negativas e perigosas e se integram no sistema de representações das forças sobrenaturais, seguindo uma mesma lógica. Geralmente, as aparições recebem o nome genérico de almas. E é válido para todos os fenômenos estranhos. Estes espíritos podem ter ações benéficas ou maléficas porque eles tanto podem atormentar os vivos, como podem prestar serviços – sob a condição de que rezem para o seu descanso eterno. Essa bivalência corresponde aos diferentes aspectos nos quais as almas podem aparecer e às condições requisitadas para suas aparições: à noite, à sombra, nos sonhos e/ou nos lugares não habitados. Se os espíritos dos mortos - humanos ou animais - aparecem na forma de pássaros noturnos e surgem das trevas, eles também emergem nos sonhos dos vivos. Neste caso, as almas - espíritos dos ancestrais ou dos antigos moradores do lugar - não são muito perigosas e pedem uma comida espiritual: algumas rezas. Essas almas, vagando, procurando o descanso eterno, são muitas vezes parentes, identificados como tais, em virtude de se mostrarem sob uma aparência humana. Graças às suas aparições fugidias, a seus passos pesados, às suas mortalhas brancas e aos seus gemidos, são facilmente perceptíveis. As almas acordam os vivos, chamando-os pelo nome, batendo na porta, fazendo barulho, etc. A bivalência do mundo dos mortos, que se revela às vezes positiva e às vezes negativa, é reforçada pelo caráter humano e animal das aparições; sua indeterminação é acentuada pelo fato de que as almas parecem estar agrupadas em um mesmo lugar natural. Neste caso, não são mais mortos familiares, mas ancestrais estrangeiros ao grupo familiar ou de residência que aparecem fora dos lugares habitados. Esta representação animal dos espíritos corresponde,

---

<sup>11</sup> A nossa pesquisa atual “Imagens da colonização” desenvolve esses temas.

em parte, às caiporas - espíritos de ancestrais indígenas e, portanto, personagem autóctone morando nas florestas e nas montanhas. Estes seres são descritos como sendo almas penadas ou *trikster* (espírito gozador e cruel) e podem ser consideradas como uma manifestação ambígua da potência do universo sobrenatural, no mundo selvagem. Da mesma forma, as almas penadas e os santos, aparecem, regularmente, nesta natureza muito habitada pelos seres sobrenaturais. Enfim, as montanhas e as pedras, perto da moradia das caiporas, são também os lugares onde estão escondidos os tesouros, onde estão presas princesas encantadas, os monstros ferozes, os humanos transformados em serpentes ou em animais mágicos.

Os reinos mágicos também estão presentes nos romances de cordel. São lugares sobrenaturais adormecidos, povoados por seres fantásticos, com poderes limitados; eles são fechados e invisíveis ao olho humano sem experiência. Eles representariam mundos desaparecidos ou se encontrando no estado de natureza. São opostos às manifestações divinas ou malignas (santos, diabos, monstros, etc.) ou, então, às dos espíritos dos mortos que vagam na face da terra (caiporas, almas)<sup>13</sup>. No final da análise, os reinados encantados aparecem como lugares intermediários entre o mundo dos ancestrais, o mundo selvagem e o mundo dos homens. Essa descrição serve também para explicar a presença de túneis cavados pelos holandeses; histórias onde o “ocupante-inimigo” teve um papel civilizador primordial. São os holandeses e não os portugueses que aparecem, então, como os desbravadores, portadores da civilização e, ao mesmo tempo, responsáveis da pilhagem das riquezas do país.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> Temos algumas narrativas contando casos de botijas, aparições de almas e assombrações, em particular cf. Israel e Dona Eva.

<sup>13</sup> Seu Nazareno Patrício faz referência à Besta Fera : “Era, era o cavalo do Cão e dizia que o nome era .. tinha o cavalo do cão, era voando, e por terra é a Besta Fera, dava o nome de Besta Fera (...) aí hoje ‘ta aí tudo servindo de transporte, não existe nada disso (...) ainda tinha até um número da Besta Fera, era ela vinha com um número, era 7766 (...) quando se viu o cavalo do Cão ou a Besta Fera com esse número aí pode ficar que era a besta fera já ‘tava perto do mundo se acabar mesmo(...)”.

<sup>14</sup> Evaldo Cabral de Mello (1986: 25-65) aproxima a insistência nas lembranças da atuação dos holandeses ao movimento nativista dos séculos XVIII e XIX.

## Glória e decadência de Igapó; ou a Maldição de Frei Damião

Depois da referência à origem de Igapó e à história oficial, Seu Xixi, continua descrevendo o lugar com a presença americana, ‘pulando’ alguns séculos. Em 1940-45, no período da segunda Guerra Mundial, moravam os americanos em Igapó; eles fizeram um campo de pouso que desapareceu depois da Guerra e só deixaram a base de Parnamirim. Seu Xixi lembra-se que, em 1950, todos os habitantes de Igapó trabalhavam no centro de Natal e iam para a feira do Alecrim a pé. O trem saía de manhã e só voltava à noite. No Alecrim, existia um bonde até as Rocas. As oficinas tinham saído do bairro e a Ponte de Ferro “tinha mão e contra mão”.<sup>15</sup> A linha de trem ia até a margem do rio (estação), e passava-se para uma canoa, que descia no bairro do ‘Passo da Pátria’. Naquela época, Igapó só tinha uma rua, a Siqueira Campos, até o Km 8, lugar chamado Galo: segundo Seu Xixi, “até a Redinha e até o Gancho era tudo matto”<sup>16</sup>.

Todos os nossos interlocutores insistem em dizer que, quando eles chegaram na Zona Norte, “não tinha nada” ou “era tudo matto”. O “antes”, que pode designar um passado longínquo e indefinido, como a data de chegada na Zona Norte, reforça a idéia de que o passado é trabalhado. Israel, um antigo morador da Zona Norte, preferiu fazer um “tour” em Igapó, para lembrar a sua vida<sup>17</sup>. Como Seu Xixi, ele vai escolher como marco histórico a presença dos americanos e toma as mesmas referências espaciais; “monumentos” que organizam uma representação comum do passado e do espaço:

“Aqui morava minha primeira namorada. Aqui era mata (no conjunto Igapó) e a COHAB construiu o primeiro conjunto que deu o nome de Igapó e era vizinho a minha casa que eu me criei. Com seis anos depois da Guerra de 45 viemos de Natal fugindo da guerra, nós recebemos umas ameaças, nós morávamos pertinho dos fuzileiros navais e lá teve um tiroteio que deixou todo mundo tenso e aqueles

---

<sup>15</sup> Para Seu Xixi foram os franceses que construíram a ponte de ferro, outros afirmam que foram os holandeses, que teriam construído, também algumas casas de pedra.

<sup>16</sup> Silvio Pedrosa fez a estrada de Igapó em 1955, quando Dix-sept Rosado era Governador, segundo Seu Xixi.

<sup>17</sup> Israel nasceu em João Câmara, em 1939, e veio para Natal, em 1944, morar com seus avós maternos (a sua família paterna é da Paraíba, de Bananeiras). Ele passou a morar na Zona Norte em 1946, onde seu pai era condutor de trem e migrou várias vezes (1960: Minas Gerais, 1961: São Paulo). Ele voltou para Natal em 1963 (mudou várias vezes e passou um ano em Montanhas, trabalhando na agricultura). Em 1968, ele se estabeleceu definitivamente na Zona Norte. Teve vários empregos (pintor, segurança, eletricista, pedreiro, motorista, agricultor, etc.) e tem “dons” artísticos (cantor de coral, músico, mamulengueiro, folião de carnaval).

carros blindados passaram do Alecrim para as Quintas e a ponte de Igapó ficou interditada. Na antiga ponte que não passava carro nessa época, e os soldados estavam com medo de bombardear a ponte e terminou com a passagem de um Zepelim que passou muito baixo e agitou o bairro que era o campo do Riz. Papai trabalhava no curtume de Jota Mota que era em frente a base naval só que começou com o couro salgado e depois tirava o sal e botava casca de manguê ... e fazia a sola de sapato e quando teve esse problema papai já sabia que ia trabalhar na rede ferroviária e eu vi a construção dos conjuntos em 1968/69 aqui em Igapó.”

Vemos então que esta representação do espaço é comum a todos os moradores antigos da Zona Norte: antes - no momento em que eles chegaram - não tinha nada, era só “mato”, sem ter os sinais do progresso que são visíveis hoje: eletricidade, saneamento básico, transporte, estradas, a ponte (velha e nova), comércios, etc. Progresso que chegou depois dos americanos. Parece que todos os entrevistados foram os desbravadores da Zona Norte, assistindo à sua construção.

Depois, nossos historiadores fazem referência a uma época mais recente, que corresponde mais ou menos à expansão da Zona Norte e à construção acelerada dos conjuntos habitacionais, em torno dos anos 70. A Zona Norte começa a parecer como existe hoje. Todos lembram o papel dos políticos, mas também de um padre belga, Pe. Thiago que acompanhou esta fase (1969/70), e até hoje celebra missas em alguns bairros da Zona Norte. Segundo eles, o padre trouxe bastante benefícios para a comunidade: construção de escolas, creches, centros comunitários, animação de grupos de jovens, etc. Para lembrarem-se da época da construção das obras, eles fazem referências históricas particulares: presença dos americanos, governo de tal político, mudança de grande porte no bairro (construção ou reconstrução da ponte), evento marcante na vida pessoal, chegada na Zona Norte, primeiro emprego, etc. Por exemplo, Seu Xixi toma como referências temporais os diferentes governos. Assim, o primeiro conjunto habitacional a ser construído foi o Conjunto Igapó, durante o governo de Lavoisier Maia, em 1963. Durante o governo de Mons. Walfredo Gurgel, em 1965, foi feita a ponte de cimento armado e foram loteados os terrenos da Zona Norte. O conjunto Amarante foi construído depois da instalação das fábricas: Sparta, Seridó, Incarton - são fábricas da indústria têxtil que foram construídas depois de 1982 e que fecharam oito anos após. Sem lembrar exatamente a data, ele faz ainda referência à um evento político importante. Assim, a fábrica Sparta abriu na época em que o mandato do

deputado Aluízio Alves foi cassado e que foi o deputado quem permitiu a construção das fábricas, pois ele era sócio majoritário.

Elba <sup>18</sup>, que passou cinco anos no Rio de Janeiro, veio trabalhar nestas fábricas em 1977, e até elas fecharem - ela veio morar na Zona Norte só em 1980 -, lembra este tempo dos pioneiros, onde nada era fácil :

“Foi eu cheguei primeiro [da família]<sup>19</sup> em Igapó, é nessa época, era tudo difícil né? Tá com dezesseis anos que eu vim morar em Igapó, dezesseis anos atrás o negócio era outro, ônibus era muito difícil tinha pouco dois, três só de cada linha, tudo era muito difícil, emprego muito difícil também. Eu, quando comecei a trabalhar na Esparta, por ironia do destino eu morava em Candelária e vinha trabalhar na Esparta, aí depois quando eu vim morar em Igapó passei a trabalhar em Neópolis (...) depois, depois vim morar no Santa Catarina né? No conjunto novo bonito foi quando eu recebi aqui o conjunto minha casa no conjunto Santarém só que quando eu vim morar aqui, coitado do Santarém, nem ônibus tinha, pra pegar ônibus tinha que ir ou pra Santa Catarina ou pra estrada da Redinha. Era, era um sacrifício realmente, era um sacrifício. Eu saía de onze horas do trabalho lá da Alpargatas, chegava em casa meia noite, porque uma hora era pra ‘tá andando a pé, descer lá no Santa Catarina e vir. Era um perigo muito grande mas também naquela época existiam menos marginais né? É, e quer dizer não é que existisse menos é que eles ainda eram novinho’ (...) mas hoje em dia não, hoje em dia a Zona Norte tá ótima. Nossa ! É uma beleza ! Tem tudo, tem banco, tem ... tem os melhores supermercados, tem ônibus, nem se fala ! Tá bom demais a asa norte, eu mesmo gosto muito daqui.”

O que é interessante na descrição de Elba é que ela tem outras referências espaciais e históricas, diferentes das dos nossos historiadores “oficiais”. A “origem da Zona Norte” começa a partir do momento em que ela volta do Rio de Janeiro. Lá, Eva aprendeu a profissão de costureira com um “francês”, depois de ter começado como operária em um pequeno *atelier* que fabricava artigos de couro - ela conseguiu este primeiro emprego através da ajuda da proprietária da casa, onde a família morava. A sua trajetória é interessante porque, através do seu discurso, podemos ver que ganhou uma certa independência, graças à migração e à sua profissionalização: conseguiu uma liberdade que não tinha, quando morava com o seu pai e conseguiu também adquirir uma independência

---

<sup>18</sup> Elba nasceu em 1950 em Reduto - pequena cidade perto de São Bento do Norte. Seus pais vieram com ela para Natal em 1962, cidade onde eles já tinham parentes. A sua irmã, Eva foi para o Rio de Janeiro (1970), acompanhando o esposo e o irmão mais velho. Dois anos depois, Elba foi e voltou em 1977 sabendo costurar. A família decidiu retornar para o Rio Grande do Norte e só um irmão continuou morando no Rio de Janeiro. Todos foram morar na Zona Norte em 1982 e moram em conjuntos habitacionais, pouco distantes uns dos outros. Os pais vivem cada um na casa de um filho, o pai em Parnamirim (município vizinho a Natal) e a mãe em Touros, onde uma parte da família continua morando.

<sup>19</sup> Elba é irmã de Dona Eva. Ela a acompanhou no Rio de Janeiro em 1972.

financeira, que permitiu poder separar-se do marido e trabalhar quando quiser. Hoje, pode “escolher” os dias e o tipo de trabalho: ela tem um *atelier* de costura em sua casa, aluga alguns quartos de sua residência para comércio (bar, mercearia, assistência técnica, jogos vídeo, etc.) e trabalha às vezes em uma casa de shows como cozinheira, ou em uma fábrica por um tempo maior - o que é fácil, com a sua experiência - quando precisa de dinheiro. Se para ela a profissionalização é um sinal de libertação, também é um marcador temporal, porque refere-se sempre àquele tempo em que trabalhava em tal ou tal fábrica. Porém, esta visão positiva da Zona Norte não é partilhada por todos. Alguns acham que a Zona Norte - e sobretudo Igapó - não se beneficia do progresso da modernidade como deveria. Isto, geralmente, é atribuído a um fato sobrenatural.

Para explicar porque Igapó ficou com os traços de uma cidade de interior, alguns dos nossos interlocutores contam a história de Frei Damião: ele teria vindo pregar na igreja de Igapó, mas como houve muita confusão (“bagunça”), ele amaldiçoou a Praça de Igapó. É Dona Maria de Baia <sup>20</sup> que apresenta a versão mais completa :

“Frei Damião se hospedava na casa de dona Cruzinha <sup>21</sup>... passava oito dias... quinze, aí depois houve uma briga com uma pessoa, um senhor que já faleceu mas a filha dele ainda existe ... houve uma briga que ela não sabe porque e aí Frei Damião disse:

- Enquanto eu existir, dentro de Igapó não pisarei. Quando eu chegar aí em Igapó que eu estou perto de morrer, Igapó vai terminar no pó (...) e justamente ...

- Igapó nunca irá pra frente, prá lá vai crescer, aqui dentro não.

De fato você vê. Porque o que é que tem aqui na praça ? Não tem um armarinho, não tem uma padaria, não tem uma farmácia, e o que bote vai pra baixo ... tudo que inventam botar, vai desce. Você vê essa praça ... tudo bacana ... aí o pó, é o pó mesmo (...) Eu sei que ele disse essa palavra ... que “dentro de Igapó ele não pisaria nunca mais, ele não pisaria dentro de Igapó e Igapó ia terminar no pó”, tudo quanto botasse aqui não ia pra frente, só ia crescer pra lá, pra cá não. Você vê que aqui não tem ... essas casas, aqui essas casas são tudo própria, são as mesmas casas, construíram em terreno baldio e nos quintais para os filhos. Aqui a gente paga somente a terra, somente a terra.”

---

<sup>20</sup> Alisete do Nascimento ou Dona Maria de Baia nasceu em Natal, em 1929, mas chegou à praça de Igapó aos cinco anos de idade, em 1934. Ela trabalha desde os 44 anos como atendente de enfermagem. Na sua juventude, ela foi estudar em Recife (PE) durante um ano e quatro meses a convite de uma irmã que morava lá. Quando os pais adoeceram, ela parou de estudar e começou a lavar roupa para ajudá-los. Também é parteira, pois com a ajuda de Padre Thiago, de quem ela era atendente no Círculo Operário, conseguiu fazer um curso de parteira, apesar de já exercer o ofício antes disso. Casou-se duas vezes, tendo seis filhos de cada união. O seu marido trabalha em João Câmara como vaqueiro e só vem a Natal de quinze em quinze dias. A família de dona Maria está toda espalhada pelos municípios do RN e São Paulo. Mesmo Dona Maria de Baia não sendo uma migrante, seus pais (São José do Mipibú), seu marido (João Câmara) e seus filhos (São Gonçalo do Amarante e São Paulo) conhecem a situação.

<sup>21</sup> Uma das fundadoras de Igapó.



Segundo Seu Xixi, este fato aconteceu em 1952 ou 1953; ele confirma o atraso mas coloca em dúvida a maldição, porém, não a nega radicalmente<sup>22</sup>:

“(...) foi Frei Damião que disse que a ponte ia cair, foi que inventaram. É tanto que ela não caiu. A outra ponte de ferro, fica até homem e só não serve porque venderam.”

Esta explicação é interessante por dois motivos. Primeiro, porque apresenta uma explicação do atraso da praça de Igapó e lembra a presença do sobrenatural no universo das narrativas. Portanto, sabe-se que Frei Damião ficou famoso menos pelas suas rezas do que por suas pragas, suas maldições e suas pregações moralizantes: há uma multitude de “exemplos”, onde gente é transformada em monstro ou animal repugnante, revelando um pecado capital (incesto, roubo, mentira, adultério, etc.). Portador de valores da ordem, evangelizando os fiéis através de suas missões “intensivas”, conseguiu reunir multidões, inspirando medo e respeito. Uma explicação em termos religiosos, com a intervenção direta do poder divino, através da ação do seu agente privilegiado - o Frei Damião -, é um tipo de racionalização que apresenta uma forma disfarçada de resistência dos antigos moradores em defender seu passado e sua história. Também pode-se pensar que se hoje a Zona Norte conhece um desenvolvimento tão grande e se este não beneficia à todos, então deve existir alguma razão superior - de tipo divino - nesta distribuição desigual de benefícios. Este distanciamento também afasta a fama negativa da Zona Norte que, desta forma, não recai sobre Igapó que continua a defender os traços característicos de uma pacata cidade de interior, organizada em volta da sua praça e da sua sociabilidade fundada no interconhecimento.

## **C o n s i d e r a ç õ e s F i n a i s**

---

<sup>22</sup> Pode ser que Seu Xixi, participando ativamente das atividades da Igreja, tenha se deixado convencer pelo padre que não deve negar esta explicação. Também, tendo estatuto a defender, ele não deve prestar atenção à este tipo de discurso “atrasado”.

Uma pesquisa centrada na vida real dos entrevistados privilegia os temas ligados à vida cotidiana dos migrantes, bem como os ligados ao exílio, à partida da terra natal, e às vezes, a possível volta para o lugar de nascimento. Aponta também para a importância da família e da solidariedade, destaca o trabalho como a principal razão da migração. Permite também resgatar um discurso comparativo sobre a vida no lugar de origem e no lugar de destino, a volta para o nordeste - para os migrantes que se deslocaram para o sul ou outros Estados, fora do nordeste - e, afinal, a instalação e a vida em Natal e na Zona Norte. As lembranças e o discurso sobre a migração, nos levam também ao passado da Zona Norte, à sua origem como um vilarejo tradicional; à importância dos índios, dos colonizadores (holandeses e franceses), dos antepassados (Dona Cruzinha), das festas passadas (o carnaval, as cheganças, os marujos, etc.) e, afinal, à importância dos monumentos na rememoração do passado (a praça de Igapó, a ponte de ferro, a linha do trem, as fábricas, etc.). As transformações ocorridas na Zona Norte são destacadas como sinal de progresso; o papel da igreja, dos sindicatos e dos homens políticos neste processo é lembrado nesta ocasião. Enfim, chegando no nível das narrativas mais tradicionais, os folhetos e os romances de cordel e as histórias de Trancoso, sofrem um processo de esquecimento e são geralmente denegridos pelos mais jovens, que desconhecem este tipo de literatura, lembrando a sua origem. Outras histórias tomam o seu lugar e, geralmente, seguem uma estrutura narrativa similar. Parece que as histórias mudam com as identidades dos migrantes.

Assim, a dificuldade que encontramos em colher as narrativas - sobretudo escritas, mas também as histórias de Trancoso - pode ser explicada pelo fato de que os migrantes, ao chegar na cidade, se esforçam em apagar o estigma do camponês chegando na cidade, que lhe é sempre aplicada, quando se fala de migrantes. Outras narrativas surgem e, geralmente, o maravilhoso volta, com a presença do tema dos mundos subterrâneos, que é atualizado com a referência à história recente.

Finalmente, algumas correspondências podem ser notadas entre o processo narrativo e a descrição da realidade, a lógica fica para um nível mais profundo. Assim, na realidade como na ficção narrativa, há uma divisão do universo social entre os homens e as mulheres, bem como uma continuidade entre o mundo dos homens e o sobrenatural. Essa bivalência se reencontra nas formas narrativas, onde há uma impossibilidade em distinguir a realidade

da ficção ou, o escrito da oralidade. O mundo sobrenatural onipresente integra-se em uma representação do mundo necessariamente harmônica. Parece que houve uma acumulação de estórias que foram contadas e recontadas pelos diferentes locutores e poetas. Se a maior parte dos migrantes perdeu seus folhetos de cordel e seus romances, não quer dizer que os esqueceram. Graças à escritura, à leitura e à rememoração das poesias e das estórias, os migrantes defendem e reatualizam os seus valores culturais.

Os textos, que lembram um passado mas também um lugar de nascimento, tornam-se veículos de tradição e de identidade. Porém, na zona urbana, pode-se observar o desaparecimento progressivo das expressões da cultura tradicional, como os dramas, a cura pelas plantas, os rituais e as procissões e, sobretudo, os folhetos de cordel. Para os migrantes, esse desaparecimento é acompanhado pela desagregação das relações sociais que existem nas zonas rurais. A organização espacial das cidades e sobretudo das periferias, destrói o tipo de sociabilidade tradicional, baseada na família numerosa, no conhecimento mútuo e na vizinhança. Além disso, a identificação dos leitores com os personagens diminui e explica, em parte, a indiferença dos mais jovens. Os filhos dos migrantes sentem-se atraídos por outras formas culturais que são as da cultura urbana. Assim, quando se estuda a história dos folhetos de cordel, o seu modo de transmissão ou mesmo a vida dos poetas, parece que as criações narrativas e poéticas são estrangeiras ao universo urbano e que pertencem a uma cultura de migrantes de primeira geração, oriundos das zonas rurais ou continuando a ter fortes ligações com a comunidade de origem. Longe de ser uma reflexão pessimista sobre o desaparecimento total de uma cultura tradicional é uma constatação que é possível analisar como um fenômeno clássico. É natural observar o desaparecimento do corpus tradicional num contexto urbano, porém não quer dizer que há um sumiço absoluto das criações narrativas. No caso dos migrantes que instalaram-se na Zona Norte podemos observar uma criação narrativa, acompanhando-se de uma recuperação da história local. Chegando no final da análise, é possível concluir que o grau de adaptação do indivíduo ao seu novo local de vida varia com a importância dada às “estórias de antigamente”; mais o migrante é integrado à cidade, menos referência à essas narrativas encontramos no seu discurso.

## BIBLIOGRAFIA

- AGIER, Michel. 1995. Mobilidades : algumas formas recentes de diferenciação social, *Imagens e identidades do trabalho* (coll.), São Paulo, Huicitec, ORSTOM : 75-112.
- AJARA, César (ORG.). 1993. Dynamiques du territoire : la population et les activités économiques, *Problèmes d'Amérique Latine*, 9, 45-72
- CABANES, Robert. 1995. Hommes et femmes entre culture d'entreprise et culture ouvrière. Un exemple brésilien, In : *Salariés et entreprises dans les pays du sud. Contribution à une anthropologie politique* (coll.), Paris, Karthala.
- CASCUDO, Luís da Câmara. 1986. *Contos tradicionais do Brasil*, Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia, USP.
- CAVIGNAC, Julie. 1994. *Mémoires au quotidien. Histoire et récits du sertão du Rn. (Brésil)*, Université de Paris X, Nanterre.
- CAVIGNAC, Julie. 1997. "Romances d'exil: littérature de cordel et migrations au Brésil". Autre part, 1:15-39.
- CAVIGNAC, Julie. 1997. La littérature de colportage au nord-est du Brésil De l'histoire écrite au récit oral. Paris, Ed. du CNRS, coll. Pays ibériques/Amerique.
- CAVIGNAC, Julie. 1997. *Relatório final da pesquisa "Memórias de migrantes. Pesquisa etno-literária de uma comunidade da Zona Norte da cidade de Natal"*, Natal, UFRN-CNPq, modalidade da bolsa: recém doutor (março).
- CAVIGNAC, Julie. 1999. Vozes da tradição, reflexões preliminares sobre o tratamento do texto narrativo em antropologia, UFRGS, *Horizontes antropológicos* (no prelo).
- CLEMENTINO Maria do Livramento. 1995. *Economia e urbanização. O Rio Grande do norte nos anos 70*, Natal, UFRN, CCHLA.
- DOIMO, Ana Maria. 1995. *A vez e a voz do popular. Movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, ANPOCS.
- DURHAM, Eunice R.ibeiro. 1984. *A caminho da cidade. A vida rural e a migração para São Paulo*, São Paulo, Perspectiva (3ª ed.).
- DURHAM, Eunice R.ibeiro. 1986. A sociedade vista da periferia, *RBCS*, 1, vol. 1 : 84-99.
- HALBWACHS, Maurice. 1990. *A memória coletiva*, São Paulo, Editora Revista dos Tribunais.
- MAGNANI, . 1998. Quando o campo é a cidade; fazendo antropologia na metrópole, *Na Metrópole*
- MELLO, José Antônio Gonçalves de. 1979. *Tempo dos flamengos. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*, Recife, BNB, coll. Pernambucana, 2e ed. (1947).
- MELLO, Evaldo Cabral de. 1986. *Rubro Veio. O imaginário da restauração pernambucana*, Rio, ed. Nova Fronteira.
- MENEZES, Marilda Aparecida de (ORG.). 1992. *Histórias de migrantes*, São Paulo, ed. Loyola, CEM.
- MORICE, Alain. 1993. Une légende à revoir : l'ouvrier du bâtiment brésilien dans feu ni lieu, *Cahiers des Sciences Humaines*, 29 (2-3) : 349-371.
- RIGAMONTE, Rosani Cristina. 1998. Severinos, januários e raimundos, *Na Metrópole*: 233-251.
- SANTOS, Hilton. 1978. *Pobreza urbana São Paulo-Recife*, HUICTEC-UFPE-CNPq.
- SARAIVA, Gumercindo, 1984. *Lendas do Brasil*, Belo Horizonte, ed. Itatiaia Ltda.
- SARTI. 1995. São os migrantes tradicionais?, *Travessia*, 23: 11-13.
- SIGAUD, Lygia. 1993. Des plantations aux villes : ambigüités d'un choix, *Études rurales*, 131-132, 19-37.
- VIDAL, Ademar. 1950. *Lendas e superstições; contos populares brasileiros*, Rio de Janeiro, empresa gráfica 'O Cruzeiro'.